



VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online

Mulheres amazônicas no jornalismo: uma análise interseccional da prática de uma jornalista investigativa

Yanna Duarte Arrais³⁶

Thaisa Cristina Bueno³⁷

Idayane da Silva Ferreira³⁸

Resumo: O presente estudo explora como a interseccionalidade impacta a vida da jornalista investigativa Nicoly Ambrósio, que cobre questões socioambientais na Amazônia Legal. Para a análise, utiliza-se a primeira etapa da roleta interseccional como referencial teórico-metodológico com foco em como fatores como gênero e raça se cruzam e influenciam a trajetória profissional da jornalista. O objetivo é compreender como essas marcas sociais deixam um rastro na sua experiência, revelando as complexidades e os desafios de seu trabalho. A pesquisa se propõe a ser um mergulho exploratório nessas intersecções, destacando a relevância de considerar a multiplicidade de opressões na análise da vivência profissional de mulheres na área do jornalismo.

Palavras-Chave: Jornalismo Investigativo. Gênero. Interseccionalidade. Mulheres. Amazônia.

³⁶ Jornalista com atuação no campo dos direitos humanos. Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz e bacharel em Comunicação pela mesma instituição E-mail: yannaduarte99@gmail.com.

³⁷ Professora adjunta do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. Professora do mestrado em comunicação na mesma instituição. Doutora em comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Email: thaisabu@gmail.com.

³⁸ Jornalista e ilustradora. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (PPGCOM-UFMA). Especialista em Comunicação Empresarial e Institucional (UFMA). Atualmente é pós-graduanda em Jornalismo de dados, Inteligência artificial e netnografia (UFPA-FACOM). E-mail: idayaneferreira@gmail.com.

A perspectiva interseccional se mostra uma ferramenta interessante para compreender as complexidades enfrentadas por profissionais, sobretudo as mulheres que cobrem temas socioambientais no jornalismo, em especial na Amazônia. Essa abordagem teórica e metodológica, proposta por teóricas como Akotirene (2018), permite analisar como sistemas estruturais de opressão como o racismo, o capitalismo e o cis-heteropatriarcado se entrelaçam e afetam de maneira única a trajetória de mulheres jornalistas. Ao considerar marcadores sociais como gênero, raça e classe, é possível desvendar a sobreposição de vulnerabilidades e riscos que elas enfrentam, revelando a dimensão estrutural das violências a que estão expostas no exercício de uma profissão já marcada pelo perigo.

A região amazônica, por sua vez, é um cenário de conflitos intensificados pela expansão do neoextrativismo, que resulta na expropriação de terras, na violência contra comunidades tradicionais e na ameaça a modos de vida ancestrais. Nesse contexto, a prática jornalística investigativa, que busca expor e criticar esses discursos desenvolvimentistas, torna-se essencial e, ao mesmo tempo, perigosa. Para as mulheres jornalistas, essa realidade é duplamente desafiadora. Além dos perigos inerentes à cobertura de conflitos socioambientais, elas são alvo de violências específicas de gênero, que buscam silenciá-las e desviar seu papel, tradicionalmente visto como submisso.

Este artigo parte de uma análise da experiência de Nicoly Ambrosio, uma jornalista investigativa amazônica. O objetivo é traçar um panorama que não apenas reconheça as violências de gênero enfrentadas por mulheres no jornalismo investigativo, mas que também exponha as adversidades específicas que essas profissionais enfrentam na Amazônia. Sua luta e resistência são um compromisso inestimável na defesa de um jornalismo que preza pela vida, pela ética e pela escuta dos territórios ancestrais; isso merece ser analisado e valorizado em toda a sua complexidade.



VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online

O presente trabalho é um recorte inicial de uma pesquisa de mestrado (em andamento), que busca entender como as questões de gênero e outras interseccionalidades moldam a identidade e a prática de seis jornalistas investigativos na Amazônia (três homens e três mulheres). A metodologia da roleta interseccional, proposta por Carrera (2020; 2021), orienta a análise. Ela se divide em duas etapas: a primeira é a identificação de categorias (gênero, raça, classe, sexualidade, deficiência, peso, geolocalização e idade); a segunda, um aprofundamento na complexidade de cada marcador e suas interconexões. Essa metodologia se baseia no princípio de que não existem hierarquias de opressão, como defendem Collins e Bilge (2021).

A voz central deste estudo é a da Nicoly Ambrosio e para esta análise nos limitamos a aplicar a primeira etapa da roleta, focando na identificação dos marcadores sociais presentes no seu discurso. Para compreender sua prática profissional, foi realizada uma pré-entrevista e, posteriormente, uma entrevista semiestruturada via *Google Meet*. A conversa, que durou 1 hora e 35 minutos, seguiu um roteiro de 15 perguntas, focadas nos riscos que ela enfrenta ao cobrir conflitos socioambientais na Amazônia Legal.

Nascida em São Paulo, mas morando em Manaus desde a infância, Nicoly, ou Nico, é uma jornalista de 26 anos que atua no veículo Amazônia Real desde 2020. Além do jornalismo, ela se expressa como artista visual, grafiteira e fotógrafa de rua. Na entrevista, foram abordados sua trajetória, os riscos que enfrenta como mulher nesse nicho e outras questões de segurança. Contudo, neste trabalho, concentramos a análise nos riscos que ela sofre por ser mulher e por cobrir pautas socioambientais na região.

No primeiro giro da roleta interseccional, a análise do discurso de Nico revela a presença de diversos marcadores sociais. Ser uma mulher não binária e negra, vinda da periferia, e atuar em uma profissão de risco, a coloca em uma posição de constante vigilância. Ela relata que a raça, muitas vezes, é o primeiro marcador notado pelas pessoas, afetando a forma como é vista e tratada, o que a leva a se policiar



VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online

constantemente para ser levada a sério. "Eu achava que para mim, uma pessoa preta e LGBT, vivendo em Manaus, seria muito difícil quebrar essa bolha de estar nas grandes redações" (Ambrosio, 2025).

A experiência da jornalista evidencia que os riscos no jornalismo investigativo são multidimensionais. A violência simbólica, como a exclusão e o tratamento desigual, se soma aos riscos de gênero, raça e classe. "Eu imagino que tem uma diferença brutal entre o homem e a mulher jornalista que vai a campo". Ela explica que mulheres precisam planejar cada passo para evitar riscos, desde a vestimenta até a escolha de quem as acompanha, porque os homens são "respeitados mais do que tu". "Teve uma cerimônia e eu fui a única pessoa que não foi servida", ela narra, evidenciando como a violência simbólica se manifesta. "Eu tenho certeza que eles achavam que eu não era ninguém, sabe? Que eu não estava ali para receber o prêmio." (Ambrosio, 2025)

Ser uma jornalista negra ocupando uma posição de referência aos 26 anos e levantando pautas da fotografia de rua, das discussões LGBT e partindo da Amazônia, contempla os atravessamentos que compõem seus posicionamentos. A partir da sua atuação, oportuniza reverências à Amazônia, da forma que a região merece ser vista, respeitando a sua complexidade, reverberando suas culturas, costumes e crenças.

A interseccionalidade se mostra, então, uma ferramenta fundamental para entender que essas violências não são meramente individuais, mas reflexos de estruturas de poder históricas racistas que condicionam mulheres negras a questionarem suas capacidades. "Eu sempre tento me impor e mostrar que eu mereço estar aqui. Eu estou vindo para fazer o meu trabalho, eu não sou uma impostora". (Ambrosio, 2025).

Reconhecemos as limitações desta pesquisa ao não aplicarmos a metodologia de forma integral, mas consideramos valiosa a oportunidade de apresentar estes resultados parciais. O caso de Nicoly expõe que, no jornalismo investigativo,



VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online

especialmente no contexto amazônico, os riscos de gênero não podem ser desvinculados das interseções com raça e classe.

Ser mulher, negra, amazônica, de origem periférica e com identidade de gênero não normativa implica enfrentar camadas de deslegitimização, vigilância e subestimação que se manifestam tanto nas relações de campo quanto em espaços institucionais. Esses fatores exigem da profissional um constante esforço de autoproteção, adaptação e reafirmação de pertencimento, configurando uma vigilância subjetiva permanente, que impacta não apenas o fazer jornalístico, mas também sua saúde mental e sua percepção de segurança.

Referências

AMBROSIO, Nicoly. **Entrevista**. [20 de maio de 2025]. Entrevista concedida a Yanna Duarte Arrais.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2018. E-book. Disponível em:
[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_\(Feminismos_Plurais\)___Carla_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)___Carla_Akotirene.pdf?1599239359). Acesso em: 1 jul. 2025.

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. **E-Compós**, Brasília, v. 24, p. 1-22, 2020. DOI: 10.30962/ec.2198.

_____. Para além da descrição da diferença: apontamentos sobre o método da roleta interseccional para estudos em Comunicação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-19, 2021. DOI: 10.18617/liinc.v17i2.5715.

HILL COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade..** São Paulo: Boitempo, 2021.